

Credor quer correção de rumo

Proposta dos banqueiros fere a nossa política econômica

Washington, (Do Envia-dor Especial Arnolfo Carvalho) - Mesmo com elogios ao desempenho brasileiro, o relatório que David Rockefeller havia antecipado ao presidente José Sarney na semana passada acabou não saindo tão favorável à Nova República: além de descartar o alívio da dívida externa, o documento do Instituto de Economia Internacional propõe medidas "corretivas" que colidem pelo menos parcialmente com a política econômica seguida pelo governo.

Apresentado como "uma nova estratégia para restaurar o crescimento latino-americano", o documento propõe "reformas nas políticas cambiais e de comércio" para promover o aumento das exportações" ao invés da ênfase anterior na substituição de importações", bem como a remoção de restrições financeiras e fiscais", para aumentar a poupança e fortalecer a eficiência de investimentos nacionais e estrangeiros".

Preparado em conjunto com entidades como a Fundação Getúlio Vargas e contando com a participação direta do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, o estudo intitulado "Em Direção ao Crescimento Econômico Renovado na América Latina" propõe também que os governos deixem de ser reguladores da economia e produtores de bens e serviços, para passarem a cuidar mais da oferta de "melhores serviços sociais" e da criação de ambiente propício ao crescimento econômico.

Das três principais propostas, somente a última está de acordo com a política econômica do governo Sarney, pois o Banco Central acha que não há nada a mudar na atual política cambial e área econômica como um todo considera desnecessário qualquer movimento para estimular ainda mais as exportações (pois isso destina-se basicamente a continuar pagando os juros da dívida externa), preferindo falar em aumento das importações.

Quanto à "deregulation" mencionada no documento publicado esta semana em Washington, relativa às políticas financeiras e fis-

cal, pode-se dizer que há concordância nos fins (aumentar a poupança e atrair investimentos) mas não nos meios (que seriam reduzir taxações e deixar os juros flutuarem de preferência para cima). "Estes passos são essenciais para apoiar uma orientação econômica voltada para fora, para atrair capitais estrangeiros e para reverter o fluxo de capitais" - diz o documento.

Antecipado pelo chairman da Sociedade das Américas (um dos patrocinadores), David Rockefeller, em sua saudação ao presidente Sarney na última sexta-feira em Nova Iorque, o estudo sobre as economias latino-americanas exclui de suas recomendações qualquer movimento no sentido de aliviar o peso das dívidas externas - entrando em conflito com a principal tese do governo Sarney neste momento, que busca a redução das transferências líquidas de recursos para o exterior.

Chega a dizer que um passo neste sentido iria mesmo prejudicar os próprios países devedores e mais importante, iria obscurecer os problemas econômicos fundamentais do continente e deter mudanças em suas políticas". O relatório lembra que devedores de outras partes do mundo, como a Turquia, e países da Ásia Oriental, já superaram este tipo de obstáculo ao crescimento, representado pelo peso da

dívida externa. Em resumo, a importância do estudo é mostrar que já existe uma clara percepção de que não é mais possível seguir políticas de ajuste econômico que levem a mais recessão.

Para encorajar os países latino-americanos a promover as mudanças propostas, o documento recomenda aos Estados Unidos especificamente e aos demais países industrializados a adoção de medidas para assegurar o contínuo crescimento econômico mundial, "evitando barreiras protecionistas adicionais, segurando as taxas de juros e promovendo um forte incremento no fluxo de capitais para a América Latina".